

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS ANEXO BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	CÓDIGO DA FICHA					
	PA	05	03	11	F01	A3
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Microrregião Cametá
LOCALIDADE	Igarapé-Miri
MUNICÍPIO / UF	Igarapé-Miri/PA

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	05	03	11	F01	A3
--------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

2. RELAÇÃO DOS BENS

2.1. FORMAS DE EXPRESSÃO

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**PA****05****03****11****F01****A3**

DENOMINAÇÃO	Os banguês de Igarapé-Miri				IDENTIFICADO		1
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Atual	LUGAR	Igarapé-Miri			
DESCRIÇÃO	No município de Igarapé-Miri, a tradição musical é representada pelo “bangüê”, nome dado aos conjuntos de música que animavam as festas que ocorriam nos engenhos de cana, após a realização das ladainhas em homenagem aos santos católicos, como explica Benedita dos Santos Miranda, também chamada de Benoca (Secretária de Cultura do Município, desde 2009). Além das festas de santo, os bangüês (considerados uma das principais influências dos carimbó conforme tocado na região) tocavam também nos aniversários locais em diversas épocas do ano. As festas de santo e os círios aconteciam em cortejos pelos rios e os bangüês ocorriam depois das ladainhas nas casas dos ribeirinhos, enquanto a maré vazava para que os visitantes pudessem voltar para as suas residências. A secretária de cultura (cujo pai organizava a festividade de São Benedito) afirma também que houve um declínio da prática cultural dos banguês, principalmente a partir da desativação dos engenhos da região, que já eram poucos na década de 1970. Entre outros motivos, a construção das estradas e outros “adventos da modernidade”, como luz elétrica e surgimento de aparelhos sonoro-eletrônicos teriam promovido a decadência dos banguês. As músicas do bangüê eram tocadas com bumbo (feito de madeira e couro de veado), caixa, banjo, tarol e “onça” (instrumento percussivo de som grave) e dançadas aos pares. Uma das mais respeitadas dançarinas foi uma senhora conhecida como Tia Maria Magno, que ensinou muitos homens e mulheres os passos da coreografia. Entre os bangüês mais tradicionais da localidade, até hoje são lembrados o “bangüê do Domingos” e o “bangüê do Chibio” (formado somente por pessoas negras). Sendo que este último costumava tocar em um bar chamado Ticiano e nas festas promovidas pela elite local. No ano de 2010, por ocasião de uma premiação do Circuito Cultural, promovido pelo Estado (no município de Tucuruí), o senhor Raimundo Farias de Souza (cantor, banjista e compositor), que responde pelo apelido de “Socó”, reativou o seu grupo, denominado “Banguê da Ilha”. Esse músico foi, por um longo tempo, o banjista do “bangüê do Chibio” (hoje desativado). A premiação em dinheiro foi utilizada para prover algumas melhorias nas condições de vida do compositor, que à época passava por dificuldades, e para revitalizar o grupo (com a compra de instrumentos musicais e equipamentos). A retomada do grupo contou com o apoio de João Camarrão, então secretário da						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS
PA
05
03
11
F01
A3

Fazenda do Estado. O conjunto gravou, em 2010, um CD com músicas tradicionais e autorais. Rosibel Pantoja Serrão, neta de “Socó” e integrante do grupo, destaca que foram realizadas modificações nas canções do bangüê, tais como a composição de um maior número de versos, que tradicionalmente se concentravam em apenas duas estrofes, no padrão *chamado/resposta*. O grupo já realizou apresentações em Cametá, Moju, Abaetetuba, Manaus e Rio de Janeiro.

O pai de “Socó” realizava a festividade do “Menino Deus” entre os dias 12 e 24 de dezembro, no barracão da Rússia, localidade do município. Diversos membros da família de “Socó” fazem parte do “Bangüê da Ilha” e de outros grupos musicais, bem como organizam a Folia de Santos Reis (05 e 06 de janeiro), na qual angariam donativos para o grupo. Os netos de “Socó” vêm apresentando interesse e aprendendo a tocar, o que, segundo ele, pode levar à continuidade da prática do bangüê na localidade.

A respeito do carimbó, dona Benoca destaca que não existe uma prática “tradicional” no município (embora afirme que o banguê tenha influenciado o carimbó que é reproduzido em Igarapé-Miri), tal como o samba-de-cacete (expressão musical de características marcadamente afro-brasileira), ali atualmente desenvolvido pela professora Eurídice Marques Soares de Souza. O carimbó, segundo a secretária, é tocado por todas as bandas de baile da cidade (Açaí Jazz, Massara & Banda e Os Combinados), sempre no final das festas, e o banguê, com seu repertório, ritmo e melodia, encontra-se fortemente presente no modo como o carimbó é tocado e dançado, conforme observado na obra de músicos do município como Pinduca (ver Levantamento Preliminar da Mesorregião Metropolitana), Pim e o conjunto Os Populares.

REGISTROS	Acervo digital de Raimundo Farias de Souza - Mestre Socó – Arquivo em jpeg. Conjunto numerado de IC05.03_0808 à IC05.03_0823	Nº	16
	Acervo digital de Benedita dos Santos Miranda - Secret de Cultura – Arquivo em jpeg. Conjunto numerado de IC05.03_0795 à IC05.03_0797	Nº	14
	Acervo digital de Odivaldo Castelo Branco - Os Populares de Igarapé-Miri – Arquivo em jpeg. Registro de número IC05.03_0824	Nº	14
	Acervo digital de Paulo Gonsalves – Pim – Arquivo em jpeg. Conjunto numerado de IC05.03_0798 à IC05.03_0807	Nº	15
CONTATOS	Raimundo Farias de Souza	Nº	3
	Benedita dos Santos Miranda	Nº	4
	Odivaldo Castelo Branco	Nº	2
	Paulo Gonçalves	Nº	1

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	05	03	11	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Carimbó do Pim				IDENTIFICADO		2
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
	Ofício						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Atual	LUGAR	Igarapé-Miri			
DESCRIÇÃO	O município de Igarapé-Miri, embora tenha “conhecido” o carimbó somente a partir da década de 1970, esta expressão tornou-se parte significativa de sua cultura, sobretudo no que compete à sua popularização e “modernização”. Igarapé-Miri possui relevante vocação artística, participando diretamente da história musical da região (sobretudo nesta segunda metade do século XX), por meio de diversos músicos que contribuíram de modo expressivo para a evolução do carimbó. Entre estes, encontra-se o cantor e compositor Pim (Paulo Gonçalves), que nas décadas de 1970 e 1980 adquiriu grande projeção não apenas no estado do Pará, mas também na região nordeste, tocando e gravando carimbós e lambadas. Pim, assim como muitos outros músicos também importantes do município – Pinduca, Pantoja do Pará – iniciou-se na música por influência de seu pai, José Paulo Gonçalves, mestre de banda responsável pela formação de muitos músicos em Igarapé-Miri. Junto com parentes, desde a adolescência já participava de um conjunto denominado <i>Jazzi Igarapé-Miri</i>, que tocava boleros, sambas e marchinhas. No início da década de 1970 Pim se mudou para Belém (com o intuito de dar prosseguimento aos seus estudos), indo morar com seu irmão Pinduca, que na época, adquiria cada vez mais notoriedade como cantor e compositor de carimbós e demais gêneros populares (marchinhas, xotes, sambas). Por influência do irmão, Pim resolveu também se enveredar pelo universo do carimbó, dando prosseguimento às diversas inovações já empreendidas por Pinduca, principalmente no que tange às “misturas” com outras expressões musicais e artísticas características e/ou populares em Igarapé-Miri, tais como o <i>samba de cacete</i>, o <i>banguê</i> e o <i>mambo</i>. Segundo Pim, foi Pinduca quem levou o carimbó ao município, que logo se popularizou, levando ao aparecimento de muitos músicos (além dos já citados, sublinha-se também o guitarrista Aldo Sena) e conjuntos (Os Populares de Igarapé-Miri) interessados no ritmo. Pim começou a cantar carimbó ainda no início da década de 1970 em um conjunto chamado Grupo da Pesada, com quem gravou dois discos, <i>Explosão do Carimbó I e II</i>. A partir de então resolveu fazer carreira solo tendo como bandas base o Grupo Latino, conjunto formado pelos mesmos músicos do conjunto de seu irmão e, em outros momentos, o “Muiraquitãs”, do município de Abaetetuba. O músico obteve bastante sucesso com suas gravações e apresentações em várias casas de festas populares de Belém e interior, assim como em outros estados - Maranhão, Pernambuco e Ceará –						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**PA****05****03****11****F01****A3**

além da Guiana Francesa, tocando carimbó e *lambada*. Após residir por treze anos em Fortaleza, Pim retornou a Igarapé-Miri, onde vive até hoje. Atualmente trabalha como radialista em uma rádio comunitária de Igarapé-Miri, da qual é proprietário, e não compõe nem realiza mais apresentações, embora não descarte a eventualidade de tal possibilidade.

REGISTROS

Acervo digital de Paulo Gonsalves – Pim – Arquivo em jpeg. Conjunto numerado de IC05.03_0798 à IC05.03_0807

Nº

12

CONTATOS

Raimundo Farias de Souza

Nº

3

Paulo Gonçalves

Nº

1

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA	05	03	11	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Conjunto Os Populares de Igarapé-Miri				IDENTIFICADO		3
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Décadas de 1970/80	LUGAR	Igarapé-Miri			
DESCRIÇÃO	O conjunto “Os Populares de Igarapé-Miri” surgiu na década de 1970, primeiramente com as denominações respectivas de “Os Positivos de Vila de Maiautá” e “Os Invencíveis”. Inicialmente, o repertório do grupo era composto por gêneros musicais tais como a lambada, o brega “solado”, o samba e o bolero. Tocavam os sucessos dos cantores, reconhecidos nacionalmente, como Odair José, Reginaldo Rossi, Amado Batista e Waldick Soriano. Com o advento do mercado fonográfico e a projeção do ritmo carimbó, no qual se destacou o cantor Pinduca (nascido em Igarapé-Miri), o conjunto decidiu gravar um disco com composições próprias de carimbó. O grupo alcançou destaque na cena cultural e chegou a gravar sete discos (seis vinis e um compacto), pela gravadora Copacabana. Realizaram muitos shows em diversos lugares, entre eles, nos municípios de Breves, Curalinho, Chaves, Belém (nos bares do bairro da Condor, sedes do Remo e do Paysandu), Maranhão, Macapá e na Guiana-Francesa. Segundo Odivaldo Castelo Branco (compositor e guitarrista), o grupo fez muito sucesso e vendeu grande quantidade de discos no Nordeste. O conjunto, há quinze anos extinto, foi composto por: Nego da Serena – bateria; Manelis – teclado; Bilac – clone e vocal; Inácio – vocal; Pote – baixo; João Gonçalves – bateria e baixo; Odivaldo – guitarra; Aldo Sena – guitarra; Diquinho – guitarra; Teodoro – guitarra (solo). Recentemente, João Gonçalves regravou um CD com os sucessos do grupo, rerepresentando os Populares de Igarapé-Miri.						
REGISTROS	Acervo digital de Odivaldo Castelo Branco - Os Populares de Igarapé-Miri – Arquivo em jpeg. Registro de número IC05.03_0824				Nº	14	
CONTATOS	Odivaldo Castelo Branco				Nº	2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**PA****05****03****11****F01****A3****3. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS**

PESQUISADOR(ES)	Edgar M. Chagas Jr, Andrey Faro de Lima, Marta Geórgia Souza		
SUPERVISOR	Edgar M. Chagas Jr		
PREENCHIDO POR	Andrey Faro de Lima, Marta Geórgia Souza		DATA Dezembro de 2011
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Superintendência do Iphan no Pará		